

Um departamento municipal no ultramar francês: o cosmopolitismo de José Arthur Giannotti

LIDLANE SOARES RODRIGUES

« les universitaires heureux n'ont pas d'histoire ».
Pierre Bourdieu¹

Introdução

Na segunda metade do século passado, processaram-se, concomitantemente, o declínio da Europa Ocidental e o advento da predominância dos Estados Unidos da América (EUA) como liderança mundial. Desde então, o espaço transnacional das trocas globais estruturou-se por esta geopolítica, simultaneamente econômica e simbólica. No que tange ao intercâmbio científico, a gênese desta configuração remonta aos anos anteriores à Segunda Guerra Mundial, às migrações e exílios transatlânticos, assim como aos vultosos investimentos da filantropia científica americana pelo mundo durante os anos da Guerra Fria (Gemelli 1998; Fleck 2011; Iber 2015; Holmes 2013; Guilhot 2005; Heilbron 2001, 2002, 2003, 2008 e 2009). Desse modo, hodiernamente, o espaço transnacional do intercâmbio simbólico constitui-se de um centro bi-polarizado (Euro-americano), algumas regiões semiperiféricas e numerosos setores periféricos. Em termos de integração geopolítica e científica, estas posições (centrais, semiperiféricas e periféricas) organizam-se em uma estrutura de quatro níveis articulados (Heil-

¹ Este trabalho consiste em um dos resultados de um período de estudos pós-doutoral, patrocinado pela FAPESP, junto à École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), em que fui acolhida por Afrânio-Raul Garcia Jr., por intermédio de Sergio Miceli, e torno público meu agradecimento a ambos, e, especialmente, a Miguel Palmeira que leu e discutiu comigo a versão completa deste trabalho, redigida em 2015. Sob impacto dos seminários que frequentei, adotei como meta colocar à prova, tendo como objeto trajetórias com as quais estou familiarizada há algum tempo, a assertiva de Pierre Bourdieu: « Ainsi l'homologie qui s'observe entre, d'une part, les structures objectives de l'institution, comme la distribution des savoirs, des auteurs, et, corrélativement, des maîtres et des élèves entre des 'disciplines' (ou des 'matières') objectivement hiérarchisées et, d'autre part, les structures mentales dont on peut saisir la manifestation dans les produits classés ou dans le discours accompagnant les opérations de classement autorise à conclure que c'est à travers les structures de l'institution scolaire autant qu'au travers du travail pédagogique que sont inculqués et imposés les schèmes qui structurent la perception, l'appréciation, la pensée et l'action. » (Bourdieu 1989 : 47). Aproveito o ensejo para agradecer a Christiano Tambascia pelo convite para compor este dossiê e aos quatro pareceristas, pelas avaliações generosas e encorajadoras que me fizeram.

bron 2014: 687): os níveis locais e nacionais, isto é, os países e suas regiões; os níveis transnacionais - regionais (com os processos de europeização, latino-americanização, e equivalentes (Sapiro 2009); e, por fim, transnacionais-globais (envolvendo países de vários continentes).

Quanto mais periférica forem as elites nacionais no espaço global, maior será sua inclinação às práticas de circulação internacional, trunfo diferencial que historicamente garantiu-lhe posições distintas em seu país (Sapiro 2013; Wagner, Réau 2015). Em contrapartida, as elites centrais também são movidas por interesses nacionais, que as instigam a exportações variadas para países periféricos, trunfo que, inversamente, lhe garante posições distintas junto às elites transnacionais, e posições de hegemonia global (Dezalay, Garth, 2002; Guilhot 2005: 90-97). Portanto, a estruturação do espaço transnacional pressupõe no nível dos mentores das iniciativas de integração, a convergência de interesses distintos. Neste sentido, a circulação internacional é uma prática de longa duração entre as elites brasileiras, que remontaria a tempos longínquos da constituição do sistema mundo – que transformou a região em colônia; e a seus esforços de construção do Estado Nacional, etapa histórica em que se tornou politicamente independente, porém ocupando posições diminutas na divisão internacional do trabalho (Wallerstein 2009; Furtado, 2009 [1961]). Em contrapartida, apesar de padecer do declínio de sua centralidade, em função da emergência estadunidense, a França localiza-se entre os países que compõem o núcleo dominante (Euro-americano) e participa ativamente da tendência à integração regional/continental. Como o Brasil – em particular alguns domínios simbólicos em que a presença francesa foi constitutiva, desde o século XIX – reagiu lentamente ao deslocamento do eixo central da Europa para os EUA, a afinidade histórico-estrutural se manteve em níveis práticos e simbólicos, fazendo convergir ambas as partes.

Os dois países estabeleceram relações sólidas, no âmbito cultural mais amplo, e, em particular, no que tange às humanidades e ciências sociais. Elas são atestadas pela regularidade, densidade, e longevidade – notadamente das instituições científicas e de ensino (Martins 2005; Peixoto 2001; Hamburger 1996; Maritnière 1982; Miceli 2003; Carelli 1993). Tais empreendimentos resultaram de consórcios estabelecidos em torno de interesses distintos, que marcaram o final do século XIX e início do século XX nos dois países. Do lado francês, após o fim da Primeira Guerra Mundial, o Ministério dos Assuntos Estrangeiros colocava em prática uma estratégia de difusão da língua e da cultura francesa e, paralelamente, suas instituições universitárias intensificavam os intercâmbios de professores com outros países (Charle 1994, 2000; Mathieu 1991). Tratava-se tanto de enfrentar antigas rivalidades (com a Alemanha), como de enfrentar a potência emergente (os Estados Unidos da América), disputando influência global no plano simbólico (Compagnon 2013). Do lado brasileiro, desde o século XIX, o contorno da herança colonial implicava adoção de modelos estrangeiros diversos aos portugueses, sobretudo em matéria de cultura, estilo de vida e gosto. Desse modo, frações das elites políticas e culturais elegeram a França como modelo de seu estilo de vida grã-fino e como matriz da cultura legítima; importando sistematicamente repertórios e práticas “modernas” e “afrancesadas” (Miceli 2003, 2018; Saint Martin 2004).

Tratando de um domínio particularmente arredo a ela, este artigo trata de uma fase de substituição das importações culturais, resultante da nova geopolítica simbólica dos anos 1950 do século

passado. Recupera-se uma das numerosas tramas do intercâmbio estabelecido entre a França e o Brasil, propondo-se uma análise das relações de dominação simbólica no plano transnacional, tendo como eixo a Filosofia, enquanto disciplina universitária.

Há uma “República Universal da Filosofia” homóloga à conhecida “República Mundial das Letras”. Ambas consistem num espaço global estruturado, segmentado e hierarquizado, constituído por praticantes de diversas línguas cujos esforços mais íngremes se dirigem à superação dos limites nacionais e, por isso, são movidos pela *illusio* da denegação dos mesmos, em busca do universalismo (Casanova 2002; Sapiro 2013). Entrementes, sendo oriundos de países desigualmente dotados de poderes econômicos e políticos, os filósofos não poderiam se emparelhar sem reproduzir as relações entre seus Estados-Nacionais. Obviamente, como tantos outros domínios e saberes, a prática da Filosofia constitui uma configuração própria, com seus capitais específicos e certo tipo de atijamento para colaboração e competição entre os agentes. Desse modo, no âmbito da circulação internacional de bens, a reprodução das assimetrias nacionais assume feições particulares, marcadas pelas especificidades das práticas e irreduzíveis a diferenças de riqueza econômica e poderes políticos (Gingras 2002; Heilbron, Duval 2014; Heilbron, Jeanpierre, Guilhot, 2008). Dito de outro modo, interessa particularmente a geopolítica transnacional, simbólica e intelectual própria da Filosofia (Pinto 2002; Boltanski 1975) – daí a atenção minuciosa às práticas, à segmentação e à hierarquia interna da disciplina, cujo sentido se extrai dos investimentos, da *illusio* e da frustração dos agentes em torno delas.

A exposição ocorre em três movimentos. Inicialmente, caracteriza o espaço de circulação internacional dos filósofos paulistas entre as décadas de 1930 e 1970, tendo em vista os seguintes agentes e instituições: de um lado, Gilles-Gaston Granger e a Faculdade de Letras da Universidade de Rennes; do outro, João Cruz Costa e os alunos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (FFCL-USP), por ele selecionados para ir à França. Em seguida, contrasta a posição da Filosofia no conjunto das disciplinas dos dois pólos desse circuito, com o objetivo de caracterizar algumas tensões da colaboração estabelecida entre ambos. Finalmente, propondo uma verticalização analítica, dedica-se ao estágio acadêmico de José Arthur Giannotti, realizado entre 1956 e 1958.

Cosmopolitismo infeliz: os lados opostos de um desejo

As trocas entre paulistanos e franceses, no plano da cultura filosófica universitária, apresenta pelo menos dois movimentos. O primeiro remonta à importação de docentes franceses para a fundação da Universidade de São Paulo e o segundo à exportação de alunos para estágios acadêmicos na França. Caracteriza-se a seguir esses dois vetores, a fim de surpreender sua dinâmica e sobreposição.

A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (doravante, FFCL-USP) foi estabelecida em 1934, juntamente com a Universidade de São Paulo (USP), reunindo antigas escolas tradicionais profissionalizantes, até então dispersas (Direito, Medicina e Engenharia). Seus mentores eram movidos por um esforço de compensação simbólica à derrota do estado de São Paulo na Revolução de 1932 e pela disputa da direção a ser dada ao sistema de ensino nacional em constituição nesta mesma década (Miceli 2001: 293-338; Limongi 2001: 186). Apesar do ideal da chamada “comunhão paulista” imaginar a Faculda-

de de Filosofia como o coração do novo organismo, “a incorporação das ‘faculdades profissionais’ ao projeto não parece ter sido objeto de negociações e contatos estreitos” (Limongi 2001: 185; Cardoso 1982). Logo se processaram os numerosos conflitos entre as escolas que existiam antes da constituição desta unidade e aquela que era concebida como nova, moderna, cosmopolita, a FFCL-USP. Os conflitos entre os grupos nacionalistas e as inclinações cosmopolitas do grupo do Estado e dos educadores – mentores da nova instituição – reverberavam clivagens internas às elites dirigentes e tomavam contornos diversos segundo domínios do conhecimento em que preponderavam. Contendas célebres se processaram, por exemplo, nos anos 1940 e 1950, entre concorrentes pelas cátedras de Filosofia e Literatura Brasileira – áreas nas quais os juristas eram investidos da autoridade de antigos praticantes e dotados de recursos para rechaçar os novos, disputando com eles os postos da jovem instituição (Ramassote 2013; Rodrigues 2011).

Os missionários destinados a lecionar na sessão de Filosofia da FFCL-USP acompanharam as modificações ocorridas em seus primeiros anos de funcionamento. Elas eram expressivas da incipiência do arranjo institucional, dependente das veleidades das elites contratantes – por sua vez, atizadas pela posição que ocupava enquanto fração de grupo entre os dirigentes. Etienne Borne inaugura o curso em 1934, lecionando as três *disciplinas* que constituíam a Filosofia, isto é: Filosofia, História da Filosofia e Psicologia. No ano seguinte, Jean Maugüé assume as mesmas disciplinas. Elas se segmentam em 1939, constituindo três *cadeiras* – com vistas a adotar o padrão federal. Neste ano, o governo federal instituiu a sua primeira Faculdade de Filosofia, estabelecendo um padrão oficial para a organização das escolas destinadas à formação do magistério secundário. Para adequar-se a ele, diversas cadeiras da FFCL-USP foram segmentadas². Assim, Maugüé passa a ensinar História da Filosofia, e João Cruz Costa, seu antigo assistente, Filosofia. Quando o primeiro, em 1944, parte para a Segunda Guerra Mundial, Lívio Teixeira e Cruz Costa dividirão as tarefas docentes. Aquele lecionará História da Filosofia e este Filosofia (isto é, Psicologia, Lógica e Ética). Se vistos em conjunto, esses missionários são “jovens em início de carreira, sem títulos nem publicações” (Peixoto 2001: 485); os brasileiros são híbridos, entre a Medicina, o Direito, a Psicologia e a Filosofia (Venancio 2012).

Além de localizar no tempo e no espaço a constituição da rede de trocas que nos interessa, a crônica anterior patenteia que se as relações entre franceses e brasileiros se processam em longa duração e estruturam o espaço em questão, no que tange particularmente à segmentação das cadeiras e à alocação professor/disciplinas, a conjuntura política nacional responde por seu desfecho. Trata-se de uma tensão típica das fases de constituição e crise dos campos autônomos: de um lado, o impulso à autonomização por parte dos praticantes e, de outro, a dependência da conjuntura política que viabiliza e invade suas atividades, induzindo os rumos por ela tomados (Bourdieu 1996; Sapiro 2004). Desse modo, paulatina, lenta e nem sempre progressivamente, mas apresentando indícios de mais e menos autonomia em relação à política, a diferenciação da área se sedimentava *pari passu* o retorno das missões francesas, a subida aos postos docentes dos quadros formados pela instituição, o envio de alunos à França e a recepção temporária de professores franceses, na qualidade de visitantes. Os missionários, sua clientela contratante (uma fração da elite paulistana) e discente (camadas em ascenso, descenso ou

2 *Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP. 1939-1949*. São Paulo: Seção de Publicações, 1953, p. 15.

remediadas) estabeleceram laços de cumplicidade cuja longevidade foi garantida tanto pela manutenção da cátedra francesa na instituição quanto pelo envio de alunos brasileiros à Faculdade de Letras da Universidade de Rennes. Os “intermediários transnacionais” (Casanova 2002: 37) desta colaboração foram Paul Arbousse-Bastide, Gilles-Gaston Granger e João Cruz Costa.

Nascido em 1904, João Cruz Costa foi o aluno “número 1” inscrito na recém-criada FFCL-USP. Seu perfil corresponde a período de reduzida segmentação disciplinar: realizou os estudos secundários em São Paulo, fez uma viagem de formação à Europa, visitou vários países e seguiu, em 1923, um curso de zoologia comparada, psicologia e sociologia na Sorbonne. Ao retornar, matriculou-se na Faculdade de Medicina de São Paulo em 1925 e deixou-a dois anos depois. Em seguida, participou de iniciativas que propagaram a criação de uma Faculdade de Filosofia: apresentou uma tese ao Congresso de Educação, realizado em 1929, em São Paulo; fundou uma Sociedade de Filosofia, em 1930. Em 1933, escreveu “*Quelques aspects de la formation brésilienne*”, com o qual pretendia se candidatar ao doutoramento em Paris, sob direção de Georges Dumas. Uma vez instituída a FFCL-USP, desistiu deste plano para ingressar nela. As relações que estabeleceu com os professores franceses foram privilegiadas. Eles o consideravam, “mais como um amigo e um igual do que como um aluno”³.

Instituída em 1810, suprimida com o fim do Primeiro Império (1815), restabelecida em 1839, a Faculdade de Letras de Rennes apresenta as vicissitudes do sistema universitário francês, na escala de uma instituição fora de Paris. Marcada por um crescimento de professores, alunos e cadeiras desde 1891, ela é agrupada, com outras faculdades e escolas, a partir de 1885 num órgão comum, o Conselho de Faculdades, e a lei de 1896 as reúne como Universidade de Rennes, então dotada de orçamento particular e composta de três Faculdades: Direito, Letras e Ciências (Charle 1994). No que diz respeito à prática da Filosofia, desde então, como desdobramento da reforma de Victor Cousin em seu ensino, ela tornou-se profissionalizada, isto é, uma atividade de professores remunerados, constituindo um mercado diferenciado tanto das antigas conferências mundanas quanto dos religiosos e dos “especialistas de literatura edificante” (Fabiani 1988: 25).

Naquela instituição, durante a década de 1950, Paul Arbousse-Bastide lecionava Psicologia Social. “Bastide-guassú”⁴ era antigo missionário de fundação da FFCL-USP, havia lecionado na cátedra de Sociologia I (1934-1940) e na de Política (1941-1945). Quando retornou do Brasil, defendeu a tese – “*La Doctrine de l’éducation universelle dans la philosophie d’Auguste Comte*” (PETIT, 2011). Em Rennes, trabalham com Arbousse-Bastide e recebem os alunos exportados por João Cruz Costa: Gilles-Gaston Granger, lecionando Psicologia e Lógica, e Victor Goldschmidt, lecionando Filosofia⁵. Granger havia lecionado Lógica na FFCL-USP (1947-1953), e teve como aluno José Arthur Giannotti, que escolheu para sucedê-lo após seu retorno.

A formação concebida por Cruz Costa consistia nas seguintes fases: a. graduação em Filosofia na FFCL-USP; b. viagem de estudos sob os cuidados de Granger e Goldschmidt; c. retorno, assumir

3 Jean Maugué. “Relatório sobre as atividades do exmo sr. Prof. João Cruz Costa”. Processo de João Cruz Costa, 46.1.204.8.8, fl. 12. (Seção de Expediente da FFCL-FFLCH-USP).

4 Correspondência de Gilles-Gaston Granger para João Cruz Costa, Paris, dia da Páscoa, s/a.

5 *Annuaire de l’université de Rennes et des établissements rattachés d’enseignement supérieur, 1956-57*, p. 368-369.

um posto docente (remunerado ou não, em função das relações favoráveis ou desfavoráveis com o governo do estado de São Paulo) e defender tese de doutoramento. O programa de estudos da viagem, informalmente estabelecido por ele e Granger, previa que os alunos assistissem às aulas e escolhessem um assunto-autor para doutoramento, discutindo-o com seus anfitriões. Se Cruz Costa inspirava-se em sua experiência prévia: “Foi a viagem à Europa que me abriu os olhos para outras realidades” (Costa 1974:89); Granger baseava-se num diagnóstico corrente entre os professores franceses sobre os alunos brasileiros, o ensino secundário que os formava e as elites contratantes. Cientes de servirem à afanosa disputa das elites periféricas por distinção (Braudel 1984; Lévi-Strauss 1955; Maugüé 1982), consideravam necessária a incorporação efetiva das práticas acadêmicas que portavam. Como as elites os consumiam como produtos de luxo, a clientela discente (remediada e ascendente) era a população que potencialmente poderia realizar esta incorporação. E, no entanto, ela não dispunha de pré-requisitos para isso, era destituída de intimidade com a concorrência escolar, com o volume de leituras, com o repertório da cultura filosófica básica. Daí, eles dizerem “o Brasil é um país muito jovem”. Para transformar o consumo diletante definidor daquele padrão de troca, apostando na camada discente, mais disposta à adesão à “vida intelectual como trabalho”, Granger apostava na compensação de sua defasagem – o que pressupunha o deslocamento de alunos para a França e o acompanhamento dos mesmos durante anos (Suppo 1999: 1081). Assim, a “equipe de filósofos paulistas”⁶ foi enviada aos poucos, em função da negociação de bolsas junto à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), estabelecida em 1951, e à embaixada francesa, realizada por Cruz Costa. José Arthur Giannotti foi o primeiro deles e sua estada durou dois anos (1956-1958).

Os intercâmbios em tela correspondem ao momento em que as agências financiadoras começam a propiciar a inserção no espaço de concorrência internacional a grupos que anteriormente estariam privados dessa oportunidade. Os agentes atrelam suas chances a elas, posto que destituídos de capital econômico e cultural, se comparados aos protagonistas da circulação no exterior – por exemplo, as próprias elites contratantes da FFCL-USP (Canedo, Garcia 2005). As condições de financiamento das viagens explicam, parcialmente, as modalidades de aproveitamento delas e o conteúdo dos estudos. Diferentemente tanto das elites paulistanas contratantes quanto de seus alunos, Cruz Costa financiou suas viagens ao Velho Mundo, travou conhecimento com o sistema de ensino europeu e francês, e, uma vez instituída a FFCL-USP, esta experiência e o capital de relações acumulado com elas, alçaram-no ao gerenciamento das relações entre elites, professores franceses, Congregação, embaixada francesa e alunos brasileiros. Já para seus alunos, a viagem a Rennes-Paris consistia numa das fases do projeto de estabelecimento da Filosofia como disciplina universitária – isto é: dotada de um corpo de praticantes/professores, formado segundo padrões compartilhados e práticas definidoras do *métier* uniformes, estabelecendo um repertório de autores canônicos manejado segundo estas práticas e comentadores legítimos dos mesmos (Heilbron 2003: 25; Fabiani 2006: 13-15). Portanto, salvo perturbações de ordem política e orçamentária, a viagem se destinava a futuros docentes. A estabilidade nos padrões das carreiras permite aos bolsistas converter sua circulação em moeda de troca de alto valor no mercado profissional. Mas as vantagens concorrenciais de retorno dos filósofos em análise eram diversas, pois se

⁶ Correspondência de Gilles-Gaston Granger para João Cruz Costa, Bougival, 1 e 2 de 1961.

subordinavam às tarefas de construção institucional da área, de criação de posições (Bourdieu 2015, 470-485) – sendo, portanto, outra a dinâmica das importações. Ademais, a dependência da negociação do patrão junto aos financiadores, tanto para viajar quanto para e renovar o benefício, impunha constrangimentos aos filósofos. Por um lado, reduzia-lhes a margem de desacordo explícito; por outro, incitava a soluções criativas face ao problema de responder a duas ordens conflitivas de orientação de suas pretensões, a saber: as expectativas implícitas de Cruz Costa e o alvoroço que o alargamento do leque de possíveis promovido pelo novo espaço de interlocução. A caracterização dos efeitos da circulação se tornaria completa ao articulá-los ao impacto da diferença dos respectivos espaços universitários, em geral, e disciplinares, em particular, segundo *habitus* e capital cultural prévio, de cada um dos agentes envolvidos no deslocamento. Não dispondo de espaço para tal exposição, este trabalho opta por contrastar a seguir, em linhas gerais, o espaço disciplinar dos dois pólos do circuito e tratar da trajetória de Giannotti neles.

Excerto. Alargamento do leque dos possíveis. “O que o senhor prefere que eu fique brigando com os **Canabravas e os Vicentes**, mostrando a todo mundo as suas burrices e as suas contradições, as suas charlatanices (...) (ou) antepor-se a eles com um trabalho produtivo?”. (Correspondência de José Arthur Giannotti para João Cruz Costa. Rennes, 13/01/1957. Em negrito: alusão aos membros do Instituto Brasileiro de Filosofia, aliados de Miguel Reale e dos juristas praticantes de Filosofia e concorrentes nacionais do grupo de Cruz Costa e Giannotti).

Topo sem corpo: coroamento no centro, denegação na periferia.

Em meados dos anos 1950, o polo dominante do campo filosófico francês é ocupado pela corrente existencialista e pela figura de Jean-Paul Sartre (BOSCHETTI, 1985). O polo dominado, por correntes menos prestigiadas: a história da filosofia, cujos representantes típicos são Martial Guéroult e Jules Vuillemin; e a epistemologia, representada por Gaston Bachelard, Georges Canguilhem e Alexandre Koyré (Pinto 2014, 1987; Bourdieu 1989b). Atreladas, cada qual a seu modo, a uma “história da razão/história da ciência”, essas correntes tiveram destinos diversos, embora no início do decênio, os rumos futuros fossem entrevistados: a primeira delas se ancoraria nas instituições mais tradicionais e a segunda nas jovens instituições. Martial Guéroult (1891-1976) foi professor em Strasbourg de 1929 a 1945, ano em que ingressa na Sorbonne. Em 1951, assume a « Cadeira de História e Tecnologia dos Sistemas Filosóficos », vencendo Alexandre Koyré. Este, próximo dos historiadores dos *Annales*, particularmente Lucien Febvre, no projeto que apresenta em sua candidatura, defende uma “atualização da utensilhagem mental” dos historiadores da Filosofia. Em contrapartida, Guéroult insistia na análise puramente interna das grandes conceitualizações. Se as duas correntes dominadas inclinavam-se para a história das ciências, a “história da filosofia à Guéroult” era mais respeitada. Jules Vuillemin (1920-2001), igualmente historiador da filosofia e ligado à herança de Martial Guéroult, sucede Maurice Merleau-Ponty na cadeira de “Filosofia do Conhecimento” no Collège de France, em 1962 (Pinto

1987: 73-75). No circuito dessas correntes alternativas ao existencialismo situam-se os anfitriões de Rennes e a “equipe de filósofos paulistas”. Se esta equipe não incorpora a clivagem tal qual disposta no espaço francês, também não passa incólume a ela. O que torna inteligível os princípios seletivos de adoção, rejeição e seleção da oferta filosófica que a equipe encontra na França (autores, professores, práticas, rivalidades e interdependências) é o entrelaçamento dos *habitus* dos agentes e os interesses atrelados a sua posição no espaço filosófico municipal (Rodrigues 2012).

A constituição do campo filosófico no Brasil ocorreu entre criação do primeiro curso universitário e da ANPOF (Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia), isto é, entre 1934 e 1983 (Ferreira 2007). No decênio de 1950, o espaço nacional se divide em três grupos opostos – “filósofos uspianos, filósofos juristas e filósofos de origem católica”. Particularmente em São Paulo, o espaço dos praticantes se dividia segundo uma oposição institucional. De um lado, o grupo de Miguel Reale, cuja sede institucional era o Instituto Brasileiro de Filosofia (IBF) (Ferrer 2012); de outro, os jovens filósofos em torno de João Cruz Costa, formados pela FFCL-USP (Rodrigues 2011). Até os anos 1970, os primeiros são dominantes (organizam congressos a que os uspianos vão acanhadamente; têm um periódico próprio; inscrevem-se coletivamente nos concursos da FFCL-USP). Contudo, o padrão de formação estabelecido pelos segundos vencerá no longo prazo (Ferreira, 2007: 159).

As afinidades entre as posições dos filósofos paulistas e dos filósofos franceses de Rennes são tão evidentes quanto suas diferenças: ambos os grupos dominados em seus respectivos espaços profissionais e em curso ascendente. Na França, a Filosofia encontrava-se estabelecida como “disciplina de coroamento” (Fabiani 1988) e tendencialmente autônoma, desde a III República (1870-1940). Já no Brasil, e particularmente em São Paulo, como domínio em curso de sedimentação institucional, sob o embate com os antigos praticantes dela (padres e juristas) e relativamente obnubilada pela disciplina emergente, a Sociologia (Rodrigues 2017; Jackson, Blanco 2014). Desse modo, os filósofos de Rennes são dominados num cenário cambiante, tendencialmente favorável a eles, porém, estruturado em torno de práticas mais ou menos estáveis, a partir das quais as escolhas dos agentes se orienta (autor, sub-área, diretor de tese) (Soulié 1995).

O contraste é nítido. Os filósofos de São Paulo são dominados num espaço cujas modificações se processam em patamar anterior ao da estabilidade das práticas profissionais definidoras do *métier*. Longe de disputarem a autoridade da palavra filosófica legítima num espaço organizado em torno de acordos mínimos a respeito de práticas que caracterizam o fazer filosófico, o litígio entre os paulistanos diz respeito à estruturação mesma do espaço e por isso é a definição desse fazer filosófico que está em questão. Por este motivo, não dispõem de um repertório (programa de curso, autores, métodos) ofertado pela tradição nacional em que se apoiar, não por serem destituídos disso, mas porque ele é patrimônio exclusivo de seus adversários, ancorados no IBF. Por fim, embora vençam no longo prazo, durante os anos 1950, nada lhes oferece indícios promissores de futuro. Ao contrário, durante o governo Jânio Quadros (1955-1959), com quem João Cruz Costa teve numerosos conflitos por causa da autonomia universitária e do corte de recursos, era uma obviedade a constatação: “Essa política financeira do Jânio

acabará com nossas pretensões filosóficas”⁷; “quem sofre é o prestígio da cultura caipira. Com tal governador não se deve ter vontade mesmo de se falar da filosofia no Brasil.”⁸

As hierarquias disciplinares dos dois espaços se apresentam *praticamente invertidas*. Embora a Filosofia fosse, segundo o projeto de criação da FFCL-USP, o coração do experimento institucional, havia um menoscabo pela disciplina. Não surpreende que os brasileiros se exprimissem segundo uma estrutura ausente: aquela que sustenta uma hierarquia na qual a Filosofia se encontra no topo – isto é, o sistema de ensino francês. A importação do topo sem o corpo da “disciplina de coroamento” – ou seja, sem o percurso social que ela coroa – castrou o aparato social e institucional (ensino secundário, valor social dos exames garantido pelos rituais – do “baccalauréat” à “agrégation”) que confere valor à prática. Esta ausência anima as lamúrias a respeito da falta de sentido da Filosofia e, no limite, da inexistência da Filosofia brasileira⁹.

Entrementes, as diferenças, na base do que os distancia se vistos em seus respectivos espaços nacionais, é precisamente o impulso que os aproxima, no espaço das trocas globais. A importação de algumas práticas francesas – leitura estrutural do texto, sobretudo – é um dos recursos por meio dos quais que os filósofos uspianos desafiavam e venceriam, no longo prazo, seus rivais (Ferreira 2007). Em contrapartida, é por meio da viagem ao Brasil e a outros pólos periféricos, como escolas de província e antigas colônias francesas, para o exercício filosófico, que os franceses vão gerenciando a ascensão em suas carreiras (FABIANI, 1988, p. 29).

Estrutura ausente. « Dira-t-on simplement, banalement, que les temps a fait son oeuvre, qu’avec le recul des années un bilan s’imposait, objectif, de ce que fut hier l’expérience comtiste ? Ou comme je le penserais plus volontiers, n’est-ce pas parce que le drame comtiste, en Amérique, s’encadre dans des conditions aussi troubles, aussi **démoralisantes** que celui même que nous propose l’actualité ? (...) **on pourrait croire que le Brésil possède une très riche pensée philosophique. Ce n’est pas l’avis que le Brésiliens eux-mêmes, plus conscients qui se rendent compte qu’ils marchent à la remorque de la pensée d’outre-Océan, surtout de la pensée française, depuis le XVIII siècle.** » , p. 571-572. **João Cruz Costa.** “Philosophies et philosophes en Amérique latine”. In. *Annales. Économies, Sociétés, Civilisations*, n. 4, 1948.

“Eles fazem **história da casa deles**, e **nós não**. Eles **têm material e nós não**. Como são bocós nossos historiadores que transpõem problemas e métodos, inteirinhos como eles se apresentam por aqui, e ficam se alienando nas formas sem terem material. Para nós, **eu creio que não existe história da Civilização. O que existe é história do Brasil...**”. Correspondência de José Arthur Giannotti para João Cruz Costa. Rennes, 8-1-57.

Grifos meus.

7 Correspondência de José Arthur Giannotti para João Cruz Costa, Paris, 10-01-1958.

8 Correspondência de José Arthur Giannotti para João Cruz Costa. Paris, 28/01/1958.

9 O problema da “existência da Filosofia no Brasil”, seguindo a orientação teórico-metodológica adotada nesta pesquisa, ganha outros contornos e se torna inteligível à luz das posições dos agentes no campo global e nacional da prática filosófica. Não dispondo de espaço para apresentar esta análise, sugiro ao leitor a coletânea *Conversas com filósofos brasileiros*, na qual o modo como respondem à pergunta “existe filosofia no Brasil” documenta a discussão.

Circulação acorrentada

O percurso de Giannotti é profícuo para se observar no pormenor os constrangimentos e as assimetrias típicas da circulação internacional das ideias, assim como aqueles específicos do domínio filosófico. A seguir, realiza-se a caracterização dos impasses de seu deslocamento¹⁰.

Antes de ir à França, o jovem Giannotti havia cursado Filosofia na FFCL-USP entre 1950-1953, sido aluno de Granger e o substituído (em Lógica) por ocasião de sua partida (sem remuneração). Em seguida, prestou um concurso para lecionar Sociologia em Ibitinga, no interior do estado de São Paulo. Lá se estabeleceu, estudou alemão, empenhou-se em organizar uma biblioteca, e também em voltar para a capital. Para tanto, em 1955, prestou concurso para lecionar Filosofia e foi alocado no Colégio Basílio Machado. Como no ano seguinte, a bolsa mista (Capes e embaixada francesa) foi conquistada por Cruz Costa, Giannotti não teve dúvidas, largou o secundário paulistano e partiu para Rennes. Nada havia publicado.

As atividades realizadas por Giannotti na sua estada apresentam duas dimensões: acadêmica e mundana. Esta se vincula acentuadamente à vida parisiense e às viagens que realizou pela Europa, aquela, à Faculdade de Letras de Rennes. A sobreposição das mesmas incidirá nas soluções que dará para o intenso entusiasmo intelectual que experimentou no biênio de 1956-1958 e para o agudo estranhamento vivido ao retornar.

Durante o ano de 1957, Giannotti se instalou em Rennes, conheceu Victor Goldschmidt, seguiu os cursos dele e os de Granger, e, só por “delicadeza”¹¹, o de Arbousse-Bastide sobre Comte, no qual fez uma exposição. Ouviu aulas de Martial Guérout sobre Kant – de passagem, em Rennes. Leu Edmund Husserl, *autor cujo interesse lhe havia sido suscitado por Granger*, discutiu-o com ele e Goldschmidt, viajou para Portugal e Espanha. Nas férias, foi a Paris, onde visitou exposições de arte e constatou que sua bolsa seria suficiente para viver em Rennes, mas não na cidade Luz. Pediu o auxílio de Cruz Costa junto à embaixada francesa para conseguir a prorrogação do suplemento dela.¹² Assim, não se estranha a o cumprimento do “noblesse oblige” no curso de Arbousse-Bastide, tampouco que se mantivesse alerta ao risco de decepcionar seu patrão, de ser mal avaliado por ele enquanto investimento de longo prazo. A todo tempo prestava contas do que fazia e do que pensava, movido pela expectativa que imagina Cruz Costa ter a seu respeito, como se negociasse sua agenda de estudos e suas escolhas.

Escolhas (autorais e temáticas) negociadas. “fiquei bastante triste. Tão triste que não pude estudar Husserl à tarde, como pretendia. Porque atrás de suas piadas (...) (seria possível concluir que o senhor se indaga:) o que esse sujeito vai me preparar? (...) Por que foi ele se meter com essas essên-

10 Importam duas ressalvas. Em primeiro lugar, esta caracterização seria completa se expusesse e analisasse as condições de partida, estada e retorno. Em respeito à economia do texto, optou-se apenas destacar no deslocamento os princípios estruturantes da hierarquia do “campo global” (SAPIRO 2013). Em segundo lugar, este trabalho segue a diferenciação entre os indivíduos empíricos e os epistêmicos, sugerida por Pierre Bourdieu (Bourdieu 1984: 34-52). Assim, José Arthur Giannotti é tratado como dotado de certas propriedades sociais que importam para a análise do espaço de produção simbólica. Como em estudos desse gênero, tentando evitar malentendidos, insiste-se em que não há no que se apresenta qualquer intenção detratora, inteiramente estranha ao propósito de uma análise sociológica objetivista.

11 Correspondência de José Arthur Giannotti para João Cruz Costa. Rennes, 08/01/1957.

12 Correspondência de José Arthur Giannotti para João Cruz Costa. Rennes, 08/01/1957.

cias complicadas, que ninguém entende, mas faz que entende?”, e afiança, depois de um relatório em forma de carta: “Essa catilinaria toda não tem apenas a função de convencê-lo da autenticidade e da importância dos meus estudos.” Correspondência de José Arthur Giannotti para João Cruz Costa. Rennes, 13/01/1957.

—

Não é possível ignorar o impacto desta forma de financiamento sobre o conteúdo dos estudos nos acordos e conflitos entre os aspirantes e seu patrão: Giannotti se interessa (e se justifica) por Husserl e pela fenomenologia – domínios do grupo rival, situado no IBF de Reale.

A integração de Giannotti no círculo de Rennes fica atestada tanto pelo “salão” que abriu – as “Mercredis philosophiques: quarta-feira à noite o pessoal vem beber cognac no meu quarto”¹³ – quanto pela avaliação privada que Granger faz dele, dirigindo-se a Cruz Costa: “a vinda dele foi uma coisa muito feliz para todos. Seria bom o Senhor descobrir de vez em quando outros sujeitos de valor para continuar o processo”.¹⁴ Meses antes do início do segundo ano letivo, a ser realizado em Paris, Giannotti vai se instalando na cidade: começa a frequentar o grupo Socialismo ou Barbárie, a convite de Claude Lefort, e avalia – “gostei muito e me parece que aquela gente tem algo na cabeça”¹⁵. O impacto da vivência nesta cidade atinge o jovem cujo passado modesto se entrevê no percurso migratório.

Oriundo de uma família de imigrantes italianos estabelecida no interior do estado de São Paulo (São Carlos), que decidiu vir para capital “para dar educação superior aos filhos”, o pai de Giannotti “fez todo o sacrifício, uma coisa impressionante. Ele estava mais ou menos bem de profissão. Vendeu tudo, teve uma oferta de emprego, veio para cá. Mais tarde ele perde o emprego, passamos mal”. As oportunidades da cidade de São Paulo, mais o empenho do pai e as disposições estimuladas por tais elementos vingaram: “eu fiz Filosofia, o outro irmão fez Engenharia na Poli, a minha outra irmã fez São Francisco, a outra Psicologia”.¹⁶ O passado migratório da família e herdado por ele não colocava Paris no horizonte frugal de expectativas, sendo compreensível que em face “duma vida diferente e arrebatadora”, ele se pergunte “afinal o que tem essa cidade? Eu ando por ela e me comovo tanto como se estivesse passeando por uma música”.¹⁷ Diferentemente de sua estada na pacata Rennes, em Paris, o jovem filósofo descarrilha de início, chega a perder “duma maneira muito cretina a defesa de tese da Sra Bachelard”. Ninguém menos que a filha de Gaston Bachelard, havia defendido *La conscience de la rationalité. Étude phénoménologique sur la physique mathématique*, de importância fulcral para os interessados em Edmund Husserl. Anos depois, Giannotti atribuirá parcialmente a este trabalho o desinvestimento no que imaginava fazer antes de ir à França (Giannotti et al 2012-4).

De todo modo, o ano letivo prometia. Na École Normale Supérieure, ele projeta acompanhar o curso de Jules Vuillemin, sobre fenomenologia; de Jean Hyppolite, com quem foi conversar,

13 Correspondência de José Arthur Giannotti para João Cruz Costa. Rennes, 05/09/1957.

14 Correspondência de José Arthur Giannotti para João Cruz Costa. Paris, 01/04/1957.

15 Correspondência de José Arthur Giannotti para João Cruz Costa. Paris, 10/07/1957.

16 José Arthur Giannotti. Depoimento para o projeto “Memória oral” da Biblioteca Mario de Andrade.

17 Correspondência de José Arthur Giannotti para João Cruz Costa. Paris, 02/06/1957.

recomendado por Goldschmidt, e pedir autorização para frequentar o curso sobre *Fenomenologia do Espírito* de Hegel; em Saint Cloud, seguiria o curso de Martial Guérout sobre Immanuel Kant – o qual tinha apenas experimentado em Rennes. Com isso, esperava ele superar o desgosto da solidão em Paris e ter “a ocasião de privar com a ‘elite’ dos estudantes franceses”¹⁸. Além desses cursos, Giannotti frequentou reuniões de Socialismo ou Barbárie, e por vezes foi ao Collège de France para assistir a Merleau-Ponty, em geral, acompanhado de Claude Lefort. Além de Portugal e Espanha, ele foi à Grécia e à Alemanha – onde estudou alemão por dois meses. Este breve sumário põe em evidência os recursos de que dispunha (capital social angariado por Cruz Costa e disposição para trabalho e abdicação), assim como seus *handicaps* (dificuldade de inserção social junto aos possíveis amigos parisienses).

Durante o período de seu estágio, Giannotti adquiriu capitais específicos do campo filosófico no qual estava imerso: a. familiaridade/domínio da discussão vigente a respeito de autores clássicos, ignorada enquanto dos praticantes do município de São Paulo – destacadamente Husserl, Platão, Comte, Kant, Hegel; b. familiaridade/defesa de práticas correntes no campo filosófico francês (além daquelas transportadas para a FFCL-USP pelas missões, leitura estrutural de texto/história da filosofia) – destacadamente, realização de traduções como parte do trabalho filosófico; estudo e discussão de obras em grupo; c. recursos linguísticos – aprimorou seu francês e estudou alemão. A disposição para defender o valor dos recursos no mercado simbólico é proporcional aos esforços e abdições requeridos para sua aquisição. Para o moço modesto, face às tentações da ordem do inimaginado em Paris, eles eram altíssimos. Eis uma das fontes de sua aguerrida defesa do que conquistou com abdicação e sacrifícios.

“É preciso que **eu me convença** também que eu não estou perdendo tanta coisa, quando **num domingo de sol eu fico em casa estudando, em vez de fazer turismo** (...) Esses meninos que andam por aí a historiarem a filosofia grega sem saberem nada de grego, deveriam ir plantar batatas (...) Ler **tradução**, principalmente de textos antigos, **implica a aceitação** de todas as interpretações do tradutor, porque uma tradução dum texto pressupõe o seu comentário filosófico.”

Correspondência de José Arthur Giannotti para João Cruz Costa. Rennes, 13/01/1957.

Se naquele biênio, esforços e abdições valiam a pena, a relativa garantia material de seu posto docente no retorno não era o bastante para satisfazer as expectativas nutridas por essas renúncias. Logo ele se dá conta da provável desvalorização dos recursos e a conseqüente perda do investimento que realizava – impraticados e impraticáveis no mercado filosófico municipal. Concomitantemente, um espaço inédito de escolhas instantaneamente possíveis orientava seus planos. Não seriam elas as mesmas em seu retorno. Ele é consciente disso, e formula o drama hierarquizando os interlocutores de cada espaço nacional, apreciando o polo dominante do espaço¹⁹. No contraste entre os interlocutores desejados e os desprezados encontra-se o efeito do leque de possíveis alargado pelo espaço que o envolve. O leque de escolhas reais/anterior – FFCL-USP/franceses contra IBF/juristas e católicos – amplia-se

18 Correspondência de José Arthur Giannotti para João Cruz Costa. Paris, 28/10/1957.

19 Cf. citação anterior “*Espaço das escolhas (im)possíveis*”.

e modifica-se com as escolhas imaginárias que a imersão lhe propicia – FFCL-USP sem (gastar energia com) IBF/juristas e católicos. Para ele, não há dúvida de qual espaço de interlocução vale mais, correspondendo e alimentando suas ambições, igualmente ampliadas pela abdicação contínua dos prazeres mundanos abundantes da cidade.

Esta experiência conflitiva encontra-se na base de suas tentativas de intervenção no espaço, orientadas para converter a direção do mesmo a seu favor. Trata-se de alterar a cotação dos recursos que adquiria, por meio da inserção de agentes que acordem a mesma cotação das práticas (porque detém o domínio destas mesmas práticas). A presença organizada e calculada deles blindaria seu grupo e protegeria as vagas do provável assédio dos grupos rivais. Se outrora foram enfrentados como concorrentes, o menosprezo pelos mesmos ganhava base objetiva – a imersão entre franceses. Para preservar as condições de exercício de sua Filosofia, era preciso simplesmente eliminá-los, evitando mesmo a possibilidade de ter de entrar em relação com eles. Outrossim, Giannotti atentava (pois os sofria) também para os efeitos da abundância material (livros, periódicos, bibliotecas). As tentativas de intervenção no espaço cujo registro consistem no empenho na aquisição de recursos materiais, no uso rentável dos recursos humanos disponíveis. Suas esperanças parecem ilimitadas: a. ele negocia a compra de periódicos, não sem ironizar os brasileiros com suas bibliotecas privadas – sinal da pobreza das bibliotecas da instituição; b. dissuade seu amigo (Oswaldo Porchat) da ideia de fazer o mestrado em Rennes, para que curse aí a graduação, garantindo para o grupo um professor de filosofia antiga, conhecedor da língua grega; c. tenta convencer João Cruz Costa a naturalizar Granger como brasileiro para que permaneça em São Paulo; d. tenta importar um certo Stephan para a cadeira de Estética, um dos espaços mais suscetíveis para os investimentos dos juristas; e. dirige estímulos para João Cruz Costa, que vive em constante desânimo e dúvidas quanto à sua permanência na instituição (Venancio 2012), a não abandonar a FFCL-USP, e atija-o a convidar nada mais nada menos que Quine, e fazer um bom uso de sua viagem aos EUA²⁰.

Acolhido pelo círculo de filósofos que unia duas pontas do Atlântico (Brasil-Paris), Giannotti, como seus colegas, não passou incólume aos princípios opostos de estruturação dos espaços acadêmicos; entretantes, diferentemente deles, suas propriedades sociais específicas condicionaram um uso particular da experiência do deslocamento. O trajeto socialmente ascendente face ao novo espaço o tornava especialmente sensível à aceitação e valorização positiva do ritmo e da intensidade de trabalho dos professores e estudantes franceses. Enquanto para outros colegas da equipe tal ritmo foi motivo de estranhamento, para ele, tratou-se de um feliz encontro. E, como ocorre em encaixes desse gênero, ele sofreu uma inculcação seletiva e uma incorporação irrefletida de categorias de entendimento e avaliação do campo francês. Elas se manifestam tanto na valorização agoniada dos interlocutores franceses em detrimento de “Vicentes e Canabravas” quanto em juízos ambíguos a respeito do Brasil, dos estudantes brasileiros e, finalmente, no dimensionamento das tarefas nacionais de um filósofo e de suas chances de existência no campo global, àquelas atreladas.

A incorporação das categorias de juízo professorais francesas é seletiva e contraditória. Por um lado, os alunos e seus pares brasileiros são objeto de avaliação intransigente, por outro, ele parece cin-

20 Correspondência de José Arthur Giannotti para João Cruz Costa. Rennes, 18/03/1957; 05/09/1957; 10/11/1957; 23/09/1957.

dido entre dois sistemas culturais, ao avaliar o Brasil em contraste com a França, cedendo às categorias corriqueiras que os opõem, valorizando o primeiro em detrimento da segunda. Num pólo e noutro os *critérios são opostos – o que se evidencia ao comparar aqueles que aplica aos agentes no campo profissional a outros âmbitos*. Leia-se o conjunto 1 em contraste com o 2:

1. Juízos dirigidos aos agentes do espaço profissional.

- a. (Paul Arbousse-Bastide): “Fui felicitado pelo ilustre professor e depois soube que andou comentando com os alunos, que os brasileiros eram **muito vivos, mas meio vagabundos** e que eu mostrava minha ascendência estrangeira.” Correspondência de José Arthur Giannotti para João Cruz Costa. Rennes, 08/01/1957.
- b. “o falatório cabe muito bem às velhotas e aos nossos estudantes de filosofia, **que não fazem nada**.” Correspondência de José Arthur Giannotti para João Cruz Costa. Rennes, 18/03/1957.
- c. “Fique certo que os alunos das províncias francesas não são tão melhores que os nossos, apenas eles **trabalham como burros. E isso os nossos aprenderão com o tempo**.” Correspondência de José Arthur Giannotti para João Cruz Costa. Rennes, 05/09/1957.
- d. “(...) tenho **evitado um pouco os brasileiros**, que são muito absorventes e levam em Paris, o mesmo tipo de vida do Brasil.” Correspondência de José Arthur Giannotti para João Cruz Costa. Paris, 02/06/1957.
- e. “Não temos chance mesmo. **Por que havemos nós de exportar burrice?** Já não chega para o uso da casa?”. Correspondência de José Arthur Giannotti para João Cruz Costa. Paris, 10/11/1957.
- f. “Taí, esse é um **filósofo no duro. Fiquei até com complexo**.” (Refere-se a Jules Vuillemin). Correspondência de José Arthur Giannotti para João Cruz Costa. Paris, 24/11/1957.

2. Juízos elaborados segundo crivos nacionais.

“A França está em péssima situação. A culpa é do francês. Não há povo mais chato do mundo. Burguês. Malcriado. Sem educação. Colaboracionista. A burguesia matou o espírito francês. E é uma grande pena. Os alemães são muito mais gentis, mais jovens, mas tem uma miserável mística pela ordem que dá vontade de bater neles. Eles ainda nos prepararão uma boa. **Os povos da Europa não valem mais nada**. Talvez os italianos, mas eles são tão saláfrarios! Povo bom é o nosso. **Ai que preguiça, mas não faz mal. Com roubalheira e tudo a gente progrède** [sic]. **Depois nós somos cordiais. Há um calor humano em cada brasileiro, talvez porque não fomos aburguesados totalmente**, mas esse egoísmo seco e filha da puta do europeu ainda não encontrou lugar entre nós”. (Correspondência de José Arthur Giannotti para João Cruz Costa. Paris, 14/10/1957).

“Engraçado, tenho receio de encontrá-los. Como estarão? Essa juventude brasileira que eu nitidamente não mais sei bem o que é... Eles vem com o fogo da Europa, e o meu já está quase extinto. Eu já sonho em voltar, em trabalhar em terra virgem, sossegado, **feliz por não ter que passar por agregações e uma inevitável burocratização: enquanto que em julho passado, eu tinha pesa-**

delos, reais pesadelos, sonhados mesmo, com medo de voltar. A estadia na Europa é fundamental, porque ela enche um vazio de quem nasce em terra nova e vive botando olhos ciumentos nas coisas da Capital. Mas depois, nós somos muito jovens e livres para ficar bolorando nessa Europa velha.” (Correspondência de José Arthur Giannotti para João Cruz Costa. Paris, 28/10/1957).

Se um impacto indiscutível da conformação das expectativas face às possibilidades de realização das mesmas for o sofrimento do ciclo de vida e a consciência do que (não) é possível fazer, pode-se afirmar que o filósofo concluía sua “educação sentimental” (Bourdieu 1996): “nenhuma novidade. A não ser que estou envelhecendo com uma rapidez incrível”²¹.

Retornando ao Brasil, em 1959, ele é nomeado assistente da Cadeira de Filosofia (em Lógica²²), traduz Wittgenstein, polemiza com um filósofo cuja língua nativa é o alemão, em torno desta tradução (GIANNOTTI, 1969). O novo governador de São Paulo, Carvalho Pinto, estabelece relações amistosas com a comunidade universitária, e Giannotti escreve, com sua colega, Amélia Domingues de Castro, “Sugestões para a melhoria do ensino da Filosofia no curso secundário”, atendendo a solicitação da Secretaria da Educação do Estado. Ele participa do IV Congresso Inter-Americano de Filosofia, em Buenos Aires, apresentando “Husserl: lógica e história”; e do III Congresso Nacional de Filosofia em São Paulo, com “Stuart Mill e a crítica da evidência cartesiana”. Elabora uma resenha para os livros não traduzidos de Gilles-Gaston Granger e Claude Lévi-Strauss (*Pensée formelle et sciences de l’homme*; *La pensée sauvage*, respectivamente). Em seguida, defende o doutorado, “John Stuart Mill, o psicologismo e a fundamentação da lógica”, que receberá o prêmio Fábio Prado. Além disso, cria um círculo de leitura d’*O Capital*, de Karl Marx, inicialmente, com dois amigos, o sociólogo Fernando Henrique Cardoso, primeiro-assistente e braço direito de Florestan Fernandes na cadeira de Sociologia I da FFLCH-USP e o historiador Fernando A. Novais, assistente de Alice Canabrava na Faculdade de Ciências Econômicas e Administração (FCEA-USP). Os objetivos desse grupo, assim como a integração de outros componentes foram tornados públicos em “Notas para uma análise metodológica d’*O Capital*”. Os jovens assistentes em início de carreira reuniam-se em sábados alternados, com rotatividade das casas destinadas a abrigá-los, para ler, segundo o método de Martial Guéroult, *O Capital* (Rodrigues 2012).

Ao cumprir estritamente seus deveres, em seu retorno ao Brasil, Giannotti elaborou soluções ativas para o impasse caracterizado anteriormente. O ajuste entre as expectativas suscitadas pelo espaço francês e o princípio de realidade imposto por seu retorno ao espaço de origem eufemiza as frustrações

21 Correspondência de José Arthur Giannotti para João Cruz Costa. Paris, 10/07/1957.

22 A reconstituição das atividades na França foi realizada a partir das informações encontradas no conjunto da correspondência enviada por ele a João Cruz Costa, entre 1957 e 1958, localizado no setor de obras raras da Biblioteca Florestan Fernandes na FFLCH-USP. As atividades de retorno foram retiradas do processo 64.1.1105.8.1, encontrado na Seção de Expediente da Administração da FFLCH-USP. nela, não consta a querela em torno da tradução de Wittgenstein – o que não nos parece sociologicamente irrelevante.

que os constrangimentos deste lhe imporiam. Em cada uma das atividades enumeradas acima, esse contorno se processa²³.

O universal estrangeiro do “nacional por subtração”

O presente trabalho realizou uma rotação na abordagem de um tema convencional na bibliografia brasileira sobre as relações Brasil-França; e, para tanto, apostou numa certa orientação teórico-metodológica. A título de considerações finais, realçam-se estes dois aspectos, à luz das relações estruturantes que cultura brasileira estabelece com as matrizes estrangeiras e da experiência agonística que os seus agentes padecem.

A caudalosa bibliografia a respeito das missões francesas em São Paulo atentou para as motivações e iniciativas da elite contratante (Limongi 2001, Cardoso 1982); para as lições dos professores franceses (Cordeiro 2009; Venancio 2012; Rojas, 2002); para as relações de alguns deles com a cultura brasileira (Peixoto, 1991, 2000) – para destacar apenas a fração mais importante dela. Arriscou-se a indagar a respeito das relações nacionalmente assimétricas entre professores franceses e alunos brasileiros – aspecto que opôs algumas análises (Petitjean 1996a, 1996b; Suppo 2009). No entanto, como nenhuma delas se debruçou sobre a lógica diferenciada da assimetria do espaço científico e cultural em relação à esfera política e econômica – a discussão se reduziu ao “eram ou não imperialistas os franceses contratados?”. O enguiço da importação propriamente intelectual foi foco de inquietação de Paulo Arantes – porém, do mesmo modo que a bibliografia anterior, deduziu as inversões de sentido das práticas, assim como as dificuldades da importação, não das lógicas distintas da esfera educacional, porém de posições diametralmente opostas ocupadas por Brasil e França no capitalismo mundial (Arantes 1994). Ainda que este artigo seja tributário das indagações que esta abordagem propõe, e entenda que as posições de França e Brasil no cenário econômico e político sejam determinantes incontornáveis, empenhou-se em tratar a experiência nos marcos de sua lógica própria, irredutível às esferas mundanas do dinheiro e do poder, ainda que dependente delas (Bourdieu 1966, 1967).

Ao invés de tratar das missões docentes francesas em São Paulo, focalizou a experiência de um aluno brasileiro em Rennes-Paris – esperando chamar a atenção para um polo (duplamente) oposto: o outro lado do Atlântico e o corpo discente. Mas se investigasse esse outro polo, isoladamente, reproduziria a bibliografia ao inverso. Tratou, então, de estabelecer o liame entre as missões francesas, os

23 Infelizmente não se dispõe de espaço para demonstrá-lo. A principal delas foi o estabelecimento do “Seminário Marx”, experiência em que reuniu amigos para ler O Capital de Karl Marx em alemão. Submetendo os amigos às rédeas desta leitura, Giannotti impactava o andamento de outros domínios, impondo a presença da Filosofia em disciplinas vizinhas. As marcas deste impacto eram notáveis até pouco tempo, por meio do apreço ao feitiço de leitura filosófica, exercida, em diversos graus, entre gerações sucessivas de alunos dos antigos seminaristas de Giannotti. No que se refira aos participantes desse grupo de estudos, a informalidade do mesmo e sua crescente centralidade na vida acadêmica, e, posteriormente na vida política brasileira, fomentaram as mais diversas tentativas de garantir uma porcentagem dos lucros simbólicos que a proximidade dele poderia significar. Contudo, o exame detido das *teses de doutorado e dos textos programáticos, destinados a legislar a respeito do exercício das disciplinas indicaram graus muito diferenciados de participação e adoção da modalidade de excelência compartilhada, dos autores lidos (além de Marx, sobretudo, Keynes, Lukács e Sartre). Por meio da análise dos textos, chegou-se a um repertório de autores, conceitos, agenda temática e maneira de “adequar tais autores” ao problema da formação do capitalismo brasileiro.* Este conjunto foi compartilhado pelos seguintes cientistas sociais – e atesta, portanto, mais envolvimento e participação nas modalidades de trabalho intelectual constituídas pelo grupo: Fernando Henrique Cardoso, Octavio Ianni, Fernando Novais, Paul Singer, Roberto Schwarz. A discussão a respeito dos métodos adotados para se chegar aos “participantes orgânicos” (os mencionados) e os “participantes esporádicos” (aqui, não mencionados) encontram-se em Rodrigues 2011.

alunos brasileiros e as elites contratantes, esquadrinhando o espaço das trocas científicas numa escala que correspondesse à hierarquia que os pressionava: transnacional, apresentando pólos dominantes e dominados, com agentes movidos em função de suas propriedades sociais prévias ao ingresso nesta configuração. Desse modo, pode encontrar dimensões criativas e conflitivas imperceptíveis ao escopo de análises precedentes.

Elas tornaram-se inteligíveis considerando a irredutibilidade dos sistemas de ensino brasileiro e francês, que encontram em estado incorporado e, portanto, irrefletido na ação dos agentes (em suas escolhas/recusas, preferências/repulsões, princípios de apreciação/depreciação, projetos criadores). Até que se vissem diante das lógicas divergentes dos dois sistemas, eles ignoravam, relativamente, a decalagem entre um e outro. O artigo esforçou-se por sublinhar a descoberta desta decalagem, para além da hierarquia global que garante o encaixe entre o senso missionário dos franceses, as presunções das elites contratantes e a docilidade dos brasileiros para serem seus alunos.

Ao deslocar o foco convencional, este artigo alargou o escopo da reconstituição histórica, e enfatizou as condições de efetivação da importação propriamente intelectual. Justamente enfatizados pela bibliografia, os programas de financiamento (mecenato filantrópico, programas governamentais, etc.) são a condição necessária, mas não suficiente dela. Como Christophe Charle afirma, a transferência de conhecimento e práticas científicas de um campo intelectual nacional a outro consiste num processo tortuoso, caracterizado por múltiplas contradições devido à circunscrição num espaço de lutas nacionais e internacionais (Charle 2004, 199). Nem sempre delineando as investigações, tornou-se axiomática a assertiva segundo a qual também no domínio científico se encontram nacionalismos e imperialismos – assimetrias que reproduzem, segundo o modo próprio e relativamente autônomo da esfera científica, as diferenças de força econômica e política entre os países (Bourdieu 2002). Trata-se de reconhecer, contudo, que os cientistas e os intelectuais as sofrem, sendo simultaneamente portadores das mesmas. E, precisamente, esta condição duplamente inibidora e estimuladora, mobiliza suas atitudes, viabilizando algumas importações e conformando-os ao bloqueio que o campo nacional impõe a outras. Este artigo procurou entrelaçar os portadores dos sistemas de ensino, os importadores e os exportadores numa configuração de lances competitivos, colaborativos e repleta de lances de alodoxia cultural. Atendo-se ao plano propriamente intelectual (autores, livros, ideias, conceitos, práticas de trabalho), e extraíndo do caso individual, sugestões gerais: há uma decalagem entre aquilo que os brasileiros demandavam e aquilo que os franceses ofertavam – a despeito da convergência de interesses; há uma decalagem entre o que os franceses supunham ensinar/exportar e aquilo que os brasileiros incorporavam. Em suma, a dinâmica das trocas propriamente intelectuais, e as condições de incorporação de inovação, são mais complexas do que deixa supor os “contatos” entre um lado e outro; o uso grã-fino da investidura simbólica da circulação (entre brasileiros) e do exotismo tropical (entre franceses).

De um lado, essas reviravoltas analíticas apoiaram-se em dois conceitos da teoria de Pierre Bourdieu – *habitus* e campo²⁴. Particularmente, com relação a este último, seguiu-se a sugestão de Gisèle Sa-

24 O terceiro, capital, não foi mobilizado com a mesma sistemática pois não se dispôs de espaço para avançar na análise dos capitais específicos do campo filosófico (o domínio linguístico do autor que se elege como especialização; livros raros; apadrinhamento de um mestre; criação da identidade junto à escolha do autor, etc). Um esboço desses capitais encontra-se em 2017b; 2018b.

piro, segundo a qual, do conceito de campo, vale reter a ideia de “espaço de relações estruturado/estruturante”, orientando os agentes em sua luta uns com e contra os outros, em detrimento da questionável ideia de “autonomia” (Sapiro 2013). De outro, utilizou-se largamente materiais expressivos adequados ao desiderato e valeu-se de procedimentos metodológicos cruzados, que tendem a se cindir na maior parte das pesquisas. Ao invés de inibir a análise da circulação em favor da comparação, ou vice-versa, as posições (alunos e professores) e o alargamento da superfície (Brasil-França) supôs trabalhar nestes dois planos para examinar os fluxos estruturados de circulação transnacional. Ao invés de privilegiar a escala macro em detrimento da micro, ou vice versa, procurou-se articular a estruturação global de um domínio, às condições práticas nacionais/regionais dele, e aos impasses vividos por um praticante individual sob os condicionamentos de seu *habitus*. Finalmente, em que se considere a rigorosa circunscrição empírica da análise apresentada, ela se baseia na sociologia histórica das ciências sociais, na esteira das preocupações Bourdieu, na fase madura e final de sua obra (Sapiro 2008, Bourdieu, 2016, 2015, 1999, 1989a, 2002).

A agenda, os temas predominantes, as problemáticas definidoras da linha de estudos que se desdobra desta fase da carreira de Bourdieu, na França, não são equivalentes à dos estudos brasileiros sobre o mesmo assunto – o que supôs uma apropriação refletida dela. Do ponto de vista estrutural, nossos interesses estão condicionados pela condição dominada/subdesenvolvida/subordinada no globo – numa constante reposição do “nacional por subtração” (Schwarz 1987), que, no domínio específico da Filosofia se transformou em “universal estrangeiro”. Do ponto de vista conjuntural, as transformações institucionais ocorridas nas duas últimas décadas (tomando como parâmetro o estabelecimento da avaliação Capes, em 1998), associadas à expansão do nível superior de ensino, lançaram-nos num sistema de coerções e de concorrência que impactou fortemente as condutas e as disposições cognitivas das várias gerações em atividade, que se viram diante de tarefas para as quais não orientaram sua formação inicial.

Não surpreende, portanto, que os brasileiros enfatizem, ao tratarem da circulação internacional e das ciências sociais, mesmo quando se ocupam de décadas longínquas, a institucionalização, a disciplinarização, a profissionalização, a autonomia do campo – de modo indiscriminado, e, por vezes progressivamente linear, diga-se de passagem. Inversamente, tampouco é surpresa observar que os estudos europeus em que se baseou este artigo preocupem-se com a não linearidade desses processos e para as forças contrárias a eles. As análises ressaltam analiticamente, tanto os processos ambíguos de disciplinarização/interdisciplinaridade, nacionalização/internacionalização, institucionalização/desinstitucionalização – caracterizando vetores em tensão com a conquista da autonomia do campo (Sapiro, Heilbron, Boncourt, Schögler, 2017; INTERCO, 2016 – orientação que tem inspiração no próprio Bourdieu 1984: 207-246, 1989: 428-482, 1999: 19-27; Bourdieu, Wacquant, 1998). Além disso, enquanto os brasileiros são arrebatados pela problemática das alternativas a respeito de como superar sua condição dominada; os europeus são absorvidos pelos lances da concorrência entre os países dos pólos centrais e semiperiféricos (Boncourt 2016; Brisson 2016; Fleck 2011; Scot, 2016; Charle, Jeanpierre, 2016; Boschetti 2014; Sapiro, Santoro 2017), assim como para os efeitos da deriva europeia sobre a longevidade das práticas eruditas e científicas – particularmente sensível nos estudos que abordam estas assimetrias por meio do mercado de tradução (Sapiro 2014, 2014a, 2016). A despeito de reco-

nhecer que são pungentes as preocupações tanto a respeito da superação de nossa condição “nacional por subtração” quanto do declínio das práticas eruditas, este trabalho é destituído de ambições de arbítrio a respeito destas questões. Tencionou apenas aproveitar esses filões bibliográficos e lançar novas indagações a respeito de experiências longínquas e suscitar a reflexividade sobre as contemporâneas.

Lidiane Soares Rodrigues é doutora em História pela Universidade de São Paulo (USP), com pós-doutoramento em Sociologia pela École des Hautes Études en Sciences Sociales de Paris. É professora do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E DOCUMENTAÇÃO

- Annuaire de l'université de Rennes et des établissements rattachés d'enseignement supérieur*, Rennes, 1956-57.
- Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP. 1939-1949*. São Paulo: Seção de Publicações, 1953.
- ARANTES, Paulo. 1994. *Um departamento francês de ultramar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- BOLTANSKI, Luc. 1975. “Note sur les échanges philosophiques internationaux”. *Actes de la recherche en sciences sociales* 5-6 (1): 191-199.
- BONCOURT, Thibaud. 2016. “La science internationale comme ressource. Genèse et développement comparés des associations européennes de sciences sociales”. *Revue française de sociologie* 57(3): 529-561.
- BOSCHETTI, Anna. 1985. *Sartre et Les Temps Modernes*. Paris: Les Éditions de Minuit.
- _____. 2014. *Ismes*. Paris: CNRS Editions.
- BOURDIEU, Pierre. 1966. “Champ intellectuel et projet créateur”. *Les temps modernes* (246): 865-906.
- _____. 1967. “Systèmes d'enseignement et systèmes de pensée”. *Revue internationale de Sciences Sociales*. 19(3): 367-388.
- _____. 1984. *Homo academicus*. Paris: Les Éditions de Minuit.
- _____. 1989a. *La noblesse d'État. Grandes écoles et esprit de corps*. Paris: Les Editions de Minuit.
- _____. 1989b. “Aspirant philosophe: un point de vue sur le champ universitaire dans les années 50”. In.: *Les enjeux philosophiques des années 50*. Paris: Georges Pompidou.

- _____. 1992. "Deux impérialismes de l'universel". In: C. Fauré & E. Bishop (orgs.). *L'Amérique des Français*. Paris: François Bourin.
- _____. 1996. *As regras da arte*. Lisboa: Editorial Presença.
- _____. 1999. "Une révolution conservatrice dans l'édition". *Actes de la recherche en sciences sociales* 126(1): 3-28.
- _____. 2001. *Science de la science et réflexivité*. Paris: Raisons d'agir.
- _____. 2002. "Les conditions sociales de la circulation internationale des idées". *Actes de la recherche en sciences sociales* 145(1): 3-8.
- _____. 2015. *Sociologie générale, v.1*. Paris: Editions du Seuil.
- _____. 2016. *Sociologie générale, v.2*. Paris: Editions du Seuil.
- BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Loïc. 1998. "Sur les ruses de la raison impérialiste". *Actes de la recherche en sciences sociales* (121-122): 109-118.
- BRAUDEL, Fernand. 1984. "Entrevista". *Jornal da Tarde*, s/p.
- BRISSON, Thomas. 2016. "Le rayonnement déclinant de la pensée française?". In: C. Charle & L. Jeanpierre (orgs.). *La vie intellectuelle en France, v. 2*. Paris: Éditions du Seuil.
- CANEDO, Letícia; GARCIA, Afrânio. 2005. "Les boursiers brésiliens et l'accès aux formations d'excellence internationales". *Cahiers du Brésil Contemporain* (57-58): 21-48.
- CARDOSO, Irene. 1982. *A universidade da comunhão paulista*. São Paulo: Cortez.
- CARELLI, Mario. 1993. *Cultures croisées: histoire des échanges culturels entre la France et le Brésil de la découverte aux temps modernes*. Paris: Éditions Nathan.
- CASANOVA, Pascale. 2002. *A República mundial das letras*. São Paulo: Estação Liberdade.
- CHARLE, Christophe. 1994. *La République des Universitaires, 1870-1940*. Paris: Éditions du Seuil.
- _____. 2000. "Des sciences pour un empire culturel". *Actes de la recherche en sciences sociales* (133): 89-95.
- CHARLE, Christophe. 2004. "Introduction to Part II". In: C. Charle & J. Schriewer & P. Wagner (orgs) *Transnational Intellectual Networks*. The University of Chicago Press.
- _____; JEANPIERRE, Laurent. 2016. "La vie intellectuelle, mode d'emploi". In: . CHARLE & L. JEANPIERRE (orgs). *La vie intellectuelle en France. Vol 1. – Des lendemains de la Révolution à 1914*. Paris: Éditions du Seuil.
- COMPAGNON, Olivier. 2013. *L'adieu à l'Europe: L'Amérique latine et la Grande Guerre (Argentine*

et Brésil, 1914–1939). Paris: Fayard.

CORDEIRO, Denilson. 2008. *A formação do discernimento: Jean Maugüé e a gênese de uma experiência filosófica no Brasil*. Tese de Doutorado, Filosofia, FFLCH, USP.

COSTA, João Cruz. 1975. “Entrevista: Sobre o trabalho teórico”. *Trans-form-ação* (2), 87-94.

DEZALAY, Yves; GARTH, Bryant G. 2002. *La mondialization des guerres de palais*. Paris: Éditions du Seuil.

FABIANI, Jean-Louis. 1988. *Les philosophes de la république*. Paris: Les Éditions de Minuit.

_____. 2006. “À quoi sert la notion de discipline?”. In: J. Boutier & J. PASSERON & J. REVEL (orgs.). *Qu'est-ce qu'une discipline?* Paris: EHESS.

FERREIRA, Daniela. 2007. *Conversão e Reconversão: circulação internacional dos filósofos de origem católica*. Tese de Doutorado, Educação, Faculdade de Educação, UNICAMP.

FERRER, Sidney. 2012. *Marginal e apátrida na Filosofia brasileira*. Dissertação de Mestrado, Sociologia, FFLCH, USP.

FLECK, Christian. 2011. *A Transatlantic History of the Social Sciences: Robber Barons, the Third Reich and the Invention of Empirical Social Research*. London: Bloomsbury Academic.

FLUSSER, Vilém. 1969. “Wittgenstein traduzido?”. *O Estado de S. Paulo*, 13(619): 5.

FURTADO, Celso. 2009 (1961). *Desenvolvimento e subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora.

GEMELLI, Giuliana. 1998. “From imitation to competitive-cooperation the Ford Foundation and management education in Western and Eastern Europe (1950's – 1970's)”. In: G. Gemelli (ed.). *The Ford Foundation and Europe, 1950's-1970's: cross-fertilization of learning in social science and management*. Brussels: European Inter University Press. pp. 95-120.

GIANNOTTI, José Arthur. Correspondência para João Cruz Costa. Rennes, 08/01/1957; 13/01/1957; 18/03/1957; 05/09/1957. Paris, 02/06/1957; 14/10/1957; 10/11/1957; 28/10/1957; 24/11/1957.

_____. Depoimento para o projeto “Memória oral” da Biblioteca Mario de Andrade. s/d.

_____. 1969. “Wittgenstein traduzido”. *O Estado de S. Paulo*, 13(620): 3.

_____. 2012. “Cheminement et aléas d'un travail” (entrevista realizada por Vinicius de Figueiredo). *Rue Descartes* (76): 56-79.

GILLES-GASTON, Granger. Correspondência para João Cruz Costa, Paris, dia da Páscoa, s/a; Bougival, 1 e 2 de 1961.

- GINGRAS, Yves. 2002 “Les formes spécifiques de l’internationalité du champ scientifique”. *Actes de la recherche en sciences sociales* (141-142): 31-45.
- GUILHOT, Nicolas. 2005. *The democracy makers. Human rights and the politics of global order*. New York: Columbia University Press.
- HAMBURGUER, Amélia Império (org.) 1996. *As ciências nas relações Brasil-França (1850-1950)*. São Paulo: Edusp/Fapesp.
- HEILBRON, Johan. 2003. “A regime of disciplines. Toward a historical sociology of disciplinary knowledge”. In. C. Camic & H. Joas (orgs). *The dialogical turn. Roles for sociology in the post disciplinary age*. Lanham, MD: Rowman and Littlefield.
- _____. 2001. “Exchanges culturels transnationaux et mondialisation: quelques réflexions”. *Regards sociologiques* (22): 141-154.
- _____. 2008. “Qu’est-ce qu’une tradition nationale en sciences sociales?”. *Revue d’Histoire des Sciences Humaines* 18(1): 3-16.
- HEILBRON, Johan; DUVAL, Julien. 2006. “Les enjeux des transformations de la recherche”. *Actes de la recherche en sciences sociales* (164) :5-9.
- HEILBRON, Johan; GUILHOT, Nicolas; JEANPIERRE, Laurent. 2008. “Toward a transnational history of the social sciences”. *Journal of the History of the Behavioral Sciences* 44(2): 146-160.
- HEILBRON, Johan *et. all.* 2009. “Internationalisation des sciences sociales: les leçons d’une histoire transnationale”. In. G. Sapiro (org.). *L’espace intellectuel en Europe*. Paris: La Découverte.
- HOLMES, Jacquelyn Marie. 2013. *From modernization and development to neoliberal democracy: a history of the Ford Foundation in Latin America (1959-2000)*. Bates College: Honors Thesis.
- IBER, Patrick. 2015. *Neither peace nor freedom: the cultural cold war in Latin America*. Cambridge: Harvard University Press.
- INTERCO_SSH. 2016. Handbook of Indicators of Institutionalization of Academic Disciplines in SSH. Disponível em <http://serendipities.uni-graz.at/index.php/serendipities/article/view/20/17> (última consulta, 23/03/2018)
- JACKSON, Luiz Carlos; BLANCO, Alejandro. 2014. *Sociologia no espelho*. São Paulo: Editora 34.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. 2007 [1955]. *Tristes trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- LIMONGI, Fernando. 2001. “Mentores e clientelas da Universidade de São Paulo”. In. S. Miceli (org.). *História das Ciências Sociais no Brasil, v. 1*. São Paulo: Sumaré.
- MARTINIÈRE, Guy. 1982. *Aspects de la coopération franco-brésilienne: Transplantation culturelle et stratégie de la modernité*. Grenoble: Presses Universitaires de Grenoble.

- MARTINS, Carlos Benedito. 2005. *Dialogues entre le Brésil et la France. Formation et coopération académique*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco.
- MATHIEU, Gilles. 1991. *Une ambition sud-américaine. Politique culturelle de la France. 1914-1940*. Paris: L'Harmattan.
- MAUGUÉ, Jean. 1982. *Les dents agacées*. Paris: Buchet/Chastel.
- _____. 1946. "Relatório sobre as atividades do exmo sr. Prof. João Cruz Costa". Processo de João Cruz Costa, 46.1.204.8.8. (Seção de Expediente da FFCL-FFLCH-USP).
- MICELI, Sergio. 2001. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras.
- _____. 2003. *Nacional estrangeiro*. São Paulo: Companhia das Letras.
- _____. 2018. *Sonhos da periferia*. São Paulo: Todavia.
- OLIVEIRA, Francini Venancio de. 2012. *Fantasmas da tradição: João Cruz Costa e a cultura filosófica uspiana em formação*. Tese de Doutorado, Sociologia, FFLCH, USP.
- PEIXOTO, Fernanda. 2000. *Diálogos brasileiros: uma análise da obra de Roger Bastide*. São Paulo: Edusp.
- _____. 2001. "Franceses e norte-americanos nas Ciências Sociais brasileiras". In: S. Miceli (org.). *História das Ciências Sociais no Brasil, v. 1*. São Paulo: Sumaré.
- PETIT, Annie. 2011. "Paul Arbousse Bastide: Le positivisme politique et religieux au Brésil" (Présentation de l'ouvrage posthume du professeur Arbousse Bastide). *La Maison d'Auguste Comte. La lettre d'information* (11): 2-3.
- PETITJEAN, Patrick. 1996a. "As missões universitárias francesas na criação da Universidade de São Paulo (1934-1940)". In: A. I. Hamburger *et all* (orgs). *A ciência nas relações Brasil-França (1850-1950)*. São Paulo: Edusp/Fapesp.
- _____. 1996b. "Entre a ciência e a diplomacia: a organização da influência científica francesa na América Latina, 1900-1940". In: A. I. Hamburger *et all* (orgs). *A ciência nas relações Brasil-França (1850-1950)*. São Paulo: Edusp/Fapesp.
- PINTO, Louis. 1987. *Les philosophes entre le lycée et l'avant-garde*. Paris : L'Harmattan.
- _____. 2002. "(Re)traductions (Phénoménologie et 'philosophie allemande' dans les années 1930)". *Actes de la recherche en sciences sociales* (45): 21-33.
- _____. 2014. *Sociologie et philosophie: libres échanges*. Paris : Ithaque.
- RAMASSOTE, Rodrigo. 2013. *A vida social das formas literárias: crítica literária e ciências sociais no pensamento de Antonio Candido*. Tese de Doutorado, Antropologia Social, IFCH, UNICAMP.

- RODRIGUES, Lidiane Soares. 2011. *A produção social do marxismo universitário em São Paulo (1958-1978)*. Tese de Doutorado, História Social, FFLCH, USP.
- _____. 2017a. “Rivalidades científicas e metropolitanas: São Paulo e Rio de Janeiro, Sociologia e Ciência Política”. *Urbana: Urban Affairs and Public Policy* (XVIII): 71-95.
- _____. 2017b. “Giannotti contra Althusser: um caso de cosmopolitismo periférico. (Brasil/São Paulo, 1967)”. In: M. Rodrigues & M. Starcembbaum (orgs.). *Lecturas de Althusser en América Latina*. Santiago do Chile: Doble Ciencia.
- _____. 2018a. “Centralidade periférica: a coleção Grandes Cientistas Sociais no espaço das ciências sociais brasileiras (1978-1990)”. *Sociedade e Estado* (UnB), no prelo.
- _____. 2018b. “Poder, sexo e línguas no marxismo brasileiro”. *REPOCS*, no prelo.
- ROJAS, Carlos Antonio Aguirre. 2002. *Braudel, o mundo e o Brasil*. São Paulo: Cortez.
- SAINT MARTIN, Monique. 2004. “Introdução”. In: A. M. Almeida *et al* (orgs). *Circulação internacional e formação das elites brasileiras*. Campinas/SP: Unicamp.
- SAPIRO, Gisèle. 2008. “Translation and the field of publishing. A commentary on Pierre Bourdieu’s ‘A conservative revolution in publishing’”. *Translation studies* 1(2): 154-166.
- _____. 2009. *L’espace intellectuel en Europe*. Paris : La Découverte.
- _____. 2013. “Le champ est-il national?”. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 200(5): 70-85.
- _____. 2014a. “Introduction”. In: G. Sapiro (org.). *Sciences humaines en traduction. Le livre français aux Etats-Unis, au Royaume-Uni et en Argentine*. Paris: Institut Français (Volume disponível online em e-pub: <http://cse.ehess.fr/index.php?2104>).
- _____. 2014b. “Inégalités et rapports de force sur le marché mondiale de la traduction”. *Journal of publishing in Globalization*, February.
- _____. 2016. “Vie des idées en France et échanges éditoriaux internationaux”. In: C. Charle & L. Jeanpierre. *La vie intellectuelle en France*, v. 2. Paris: Éditions du Seuil.
- SAPIRO, Gisèle ; HEILBRON, J. 2009. “Por uma sociologia da tradução: balanço e perspectivas”. *Graphos* 11(2): 13-28.
- SAPIRO, Gisèle; SANTORO, Marco. 2017. “On the social life of ideas and the persistence of the author in the social and the human sciences”. *Sociologica*, Bologna (1): 1-13.
- SAPIRO, Gisèle; HEILBRON, Johan; BONCOURT, Thibaud; SCHÖGLER, Rafael. 2017. “European Social Sciences and Humanities (SSH) in a Global Context Preliminary findings from the INTERCO-SSH”. Disponível: <https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-01659607> (última consulta 17/03/2017).

- SCHWARZ, Roberto. 1986. “Nacional por subtração”. In. _____. *Que horas são?* São Paulo: Companhia das Letras.
- SOULIÉ, Charle. 1995. “Anatomie du goût philosophique”. *Actes de la recherche en sciences sociales* 109(3): 3-28.
- SUPPO, Hugo. 1999. *La politique culturelle française au Brésil entre les années 1920-1950*. Thèse Doctorat. Paris III.
- _____. 2009. “A política cultural da França no Brasil entre 1920 e 1940: o direito e o avesso das missões universitárias”. *Revista de História* 142: 309-345.
- WAGNER, Anne Catherine ; RÉAU, Bertrand. 2015. “Le capital international : un outil d’analyse de la reconfiguration des rapports de domination”. In. J. Siméant (org.) *Guide de l’enquête globale en sciences sociales*. Paris: Éditions du CNRS.
- WALLERSTEIN, Immanuel. 2009. *Comprendre le monde*. Paris: La Découverte.

UM DEPARTAMENTO MUNICIPAL NO ULTRAMAR FRANCÊS: O COSMOPOLITISMO DE JOSÉ ARTHUR GIANNOTTI

Resumo: O espaço transnacional do intercâmbio simbólico constitui-se de um centro bi-polarizado (Euro-americano), algumas regiões semiperiféricas e numerosos setores periféricos. Este artigo recupera uma das tramas do intercâmbio estabelecido entre a França e o Brasil, propondo uma análise das relações de dominação simbólica no plano transnacional, tendo como eixo a Filosofia, enquanto disciplina universitária. Como tantos outros domínios e saberes, a prática da Filosofia constitui uma configuração própria, com seus capitais específicos e certo tipo de atijamento para colaboração e competição entre os agentes. Desse modo, no âmbito da circulação internacional de bens, a reprodução das assimetrias nacionais assume feições particulares, marcadas pelas especificidades das práticas e irreduzíveis a diferenças de riqueza econômica e poderes políticos. A exposição ocorre em três movimentos. Inicialmente, caracteriza o espaço de circulação internacional dos filósofos paulistas entre as décadas de 1930 e 1970: de um lado, Gilles-Gaston Granger e a Faculdade de Letras da Universidade de Rennes; do outro, João Cruz Costa e os alunos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (FFCL-USP), por ele selecionados para ir à França. Em seguida, contrasta a posição da Filosofia no conjunto das disciplinas dos dois pólos desse circuito, com o objetivo de caracterizar algumas tensões da colaboração estabelecida entre ambos. Finalmente, propondo uma verticalização analítica, dedica-se ao estágio acadêmico de José Arthur Giannotti, realizado entre 1956 e 1958.

Palavras-chave: circulação internacional de bens simbólicos, Filosofia, França, José Arthur Giannotti, Gilles-Gaston Granger.

A MUNICIPAL DEPARTMENT IN FRENCH OVERSEAS: THE COSMOPOLITANISM OF JOSÉ ARTHUR GIANNOTTI.

Abstract: The transnational space of symbolic exchange consists of a bi-polarized (Euro-American) center, some semi-peripheral regions and numerous peripheral sectors. This article retrieves one of the plots of the exchange established between France and Brazil, proposing an analysis of the relations of symbolic domination in the transnational plane, having as its axis Philosophy as a university discipline. Like so many other domains and knowledges, the practice of Philosophy constitutes a configuration of its own, with its specific capitals and a certain kind of incentive for collaboration and competition among agents. Thus, in the context of the international circulation of goods, the reproduction of national asymmetries assumes particular features, marked by the specificities of practices and irreducible to differences of economic wealth and political powers. Exposure occurs in three movements. Initially, it characterizes the space of international circulation of the São Paulo philosophers between the decades of 1930 and 1970: on the one hand, Gilles-Gaston Granger and the Faculty of Letters of the University of Rennes; on the other, João Cruz Costa and the students of the Faculty of Philosophy, Sciences and Letters of the University of São Paulo (FFCL-USP), selected by him to go to France. Then, it contrasts the position of Philosophy in the set of disciplines of the two poles of this circuit, with the pur-

pose of characterizing some tensions of the collaboration established between both. Finally, proposing an analytical verticalization, it dedicates itself to the academic internship of José Arthur Giannotti, realized between 1956 and 1958.

Keywords: international circulation of symbolic goods, Philosophy, France, José Arthur Giannotti, Gilles-Gaston Granger.

RECEBIDO: 28/11/2017

APROVADO: 09/03/2018

